



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA  
ISSN 2525-3441

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

V. 8, N.23, P.49-70

DOI:10.18764/2525-3441V8N23.2023.21

## DA ESCRITA À LEITURA: O DIALOGISMO DO DISCURSO MULTISSEMIÓTICO DE CLARICE FREIRE NO INSTAGRAM

*FROM WRITING TO READING: THE DIALOGISM OF CLARICE FREIRE'S  
MULTISSEMIOTIC DISCOURSE ON INSTAGRAM*

Cristina Albert Mesquita (UNICAP)

<https://orcid.org/0000-0002-3092-3741>

Roberta Varginha Ramos Caiado (UNICAP)

<https://orcid.org/0000-0002-4444-774X>

**Resumo:** Os avanços tecnológicos e o surgimento das redes sociais possibilitaram tanto a emergência de novos gêneros discursivos, quanto a reinvenção de gêneros que já existiam. Nesse cenário, identifica-se a poesia visual da escritora Clarice Freire, publicada no Instagram, como um exemplo de gênero que combina múltiplas semioses para a construção de sentidos. Diante disso, o presente artigo se justifica pela necessidade de aprofundar as pesquisas acerca das práticas discursivas digitais e tem como objetivo discutir sobre o discurso multissemiótico da poesia visual de Clarice Freire no Instagram e suas contribuições para o processo de leitura de textos digitais. Para alcançá-lo, a metodologia adotada foi a qualitativa, do tipo estudo de caso, acerca da poesia visual da autora Clarice Freire no Instagram. A fundamentação teórica se baseia na Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin e nas suas concepções de gêneros, bem como no aporte teórico de Santa ella para a caracterização da multimodalidade e dos tipos de leitores. Como resultados, houve a seleção de quatro textos ,sobre os quais se realizou a discussão acerca dos aspectos multissemióticos do discurso da autora. Por fim, concluiu-se que a articulação de múltiplas semioses aliada à veiculação dos textos nos meios digitais potencializa a multimodalidade desse gênero que tem cada vez mais se reinventado na realidade virtual.

**Palavras-chave:** Poesia visual; Gêneros discursivos; Redes Sociais; Multimodalidade.

**Abstract:** The technological advances and the advent of social media enabled both the emergence of new discursive genres and the reinvention of genres that already existed. In this scenario, the visual poetry of the writer Clarice Freire, published on Instagram, is an example of a genre that combines multiple semioses for the construction of meanings. Therefore, the justification of this article is the need to deepen research on digital discursive practices. The objective of this research is to discuss the multisemiotic discourse of Clarice Freire's visual poetry on Instagram and her contributions to the process of reading digital texts. To achieve this purpose, the methodology was qualitative, of the case study type, about the visual poetry of the author Clarice Freire on Instagram. The theoretical foundation is based on Bakhtin's Dialogical Discourse Analysis and his conceptions of genres, as well as on Santaella's theoretical contribution to the characterization of multimodality and types of readers. As a result, four texts were selected, on which the discussion about the multisemiotic aspects of the author's discourse took place. Finally, it was concluded that the articulation of multiple semiosis allied to the publication of texts in digital media enhances the multimodality of this genre that has increasingly reinvented itself in virtual reality.

**Keywords:** Keywords: Visual Poetry; Discursive genre; Social Media; Multimodality.

## INTRODUÇÃO



O advento da internet, aliado à popularização das redes sociais, permitiu o desenvolvimento de novas formas de relações, trabalho e comunicação. Nesse sentido, é possível perceber que o uso da linguagem tem passado por significativas transformações. Diante desse hiperespaço plural, caracterizado por Santaella (2013, p. 291) como o ambiente no qual se propagam textos e mensagens multimídias, temos observado tanto o surgimento de novos gêneros discursivos, nativos da realidade digital, quanto a reinvenção de gêneros que tradicionalmente eram, e ainda são, veiculados nos suportes impressos.

Como exemplo desse cenário, temos a poesia visual, gênero discursivo que articula elementos verbais escritos e imagéticos, formando composições multissemióticas. Nas últimas décadas, é comum encontrar escritores que se utilizam das redes sociais para postar poemas que combinam textos escritos e recursos visuais para a produção de sentidos. Uma vez que essas produções poéticas são veiculadas por meio de suportes digitais, constatamos uma potencialização da multimodalidade, bem como o aprofundamento das noções de dialogismo e interatividade (BAKHTIN, 2016), tendo em vista que o leitor passa a ter um papel ainda mais ativo ao poder realizar ações como curtir e compartilhar.

Entre os poetas e as poetisas que têm trabalhos significativos relacionados à elaboração e à publicação da poesia visual nas redes sociais, podemos destacar a escritora pernambucana Clarice Freire. A autora possui um perfil no *Instagram*, intitulado *Pó de Lua*, em que, entre outros gêneros discursivos, como o conto e a crônica, veicula textos que associam palavras escritas a imagens, produzindo, dessa maneira, um discurso que é, em sua essência, multissemiótico.

Assim, ante o exposto, o presente artigo se justifica pela necessidade de aprofundamento dos estudos acerca das novas práticas de leitura e escrita que têm se desenvolvido nas redes sociais nos últimos anos. Nesse sentido, temos como objetivo discutir sobre o discurso multissemiótico da poesia visual de Clarice Freire no *Instagram* e suas contribuições para o processo de leitura de textos digitais.



Para fundamentar a nossa pesquisa, adotamos a perspectiva da Linguística Textual (CAVALCANTE ET AL., 2022). O texto é aqui entendido como um evento comunicativo que ocorre entre o autor e o leitor em um processo interativo e de protagonismo dos sujeitos.

Quanto à noção de gêneros discursivos, recorreremos ao aporte teórico de Bakhtin (2016), bem como às reflexões de Brait e Melo (2021) e Faraco (2020) sobre a temática. Adotamos, desse modo, uma concepção de língua a partir do dialogismo por entendermos que os gêneros discursivos são resultados das relações interativas que se estabelecem entre os sujeitos.

Buscamos, ainda, alicerce nas contribuições de Santaella (2013; 2021) para a caracterização da multimodalidade e da hibridização dos textos publicados nas redes sociais. Além do mais, a autora nos traz a definição de leitor ubíquo, como um novo tipo de leitor que emerge nesse cenário de conectividade criado no ciberespaço.

Como metodologia, optamos pela pesquisa qualitativa, do tipo de estudo de caso, sobre a poesia visual de Clarice Freire no *Instagram*. Tendo em vista a vasta produção textual da escritora, concentramos a nossa análise em quatro poemas intitulados *Conversa de janela*, postados entre os meses de abril e maio de 2020 no perfil público da escritora.

Além da Introdução e das Considerações Finais, o presente artigo está dividido em quatro seções. Primeiro, optamos por introduzir a noção de gêneros discursivos, à luz da concepção dialógica de Bakhtin, bem como associar tais conceitos aos gêneros veiculados nos meios digitais, mais especificamente à poesia visual. Em seguida, passamos a analisar a perspectiva do leitor no processo interativo, observando os tipos de leitores que (co)existem, com ênfase no leitor ubíquo, descrito por Santaella. Na Metodologia, descrevemos o percurso metodológico adotado para alcançar o objetivo proposto, explicitando também os critérios de seleção elencados para a escolha do nosso *corpus*. Posteriormente, com base na fundamentação teórica apresentada, realizamos a discussão sobre o caráter multissemiótico dos textos selecionados e como o leitor constrói os sentidos do texto a partir disso.



## **A ESCRITA DA POESIA VISUAL COMO GÊNERO DISCURSIVO REINVENTADO NAS REDES SOCIAIS**

Compreender os gêneros do discurso a partir das concepções formuladas pelo Círculo de Bakhtin significa fazer reflexões acerca da própria linguagem, dos seus diferentes usos e funcionamento. Isso porque, na perspectiva bakhtiniana, utilizamos a língua por meio de enunciados concretos, que refletem os propósitos comunicativos e as condições de produção específicas (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

Dessa forma, o enunciado constitui o elemento central da Análise do Discurso Dialógica que tem no filósofo russo um dos principais expoentes. No entanto, destacamos as ponderações de Brait e Melo (2021, p. 65) que afirmam que não é possível encontrar o conceito de enunciado em uma única obra do autor. Trata-se, assim, de uma definição que se constrói a partir do conjunto de textos que, hoje, se atribui a Bakhtin e ao seu Círculo.

É importante pontuar que, para o filósofo, o enunciado não existe sozinho. Significa dizer que, ao nos depararmos com o fenômeno linguístico, estaremos sempre diante de uma cadeia de enunciados, de modo que um sempre precede a existência do outro, não havendo nem o primeiro nem o último enunciado (BAKHTIN, 2017, p. 26-27). É nesse contínuo de enunciados que o processo comunicativo acontece, estabelecendo-se, entre os sujeitos, relações que são, em sua essência, dialógicas.

Intimamente ligados à teoria enunciativa e à multiplicidade de atividades humanas e de usos linguísticos, os gêneros discursivos se definem como tipos relativamente estáveis de enunciados, que apresentam três dimensões: o conteúdo temático, o estilo e a forma composicional (BAKHTIN, 2016, p. 12). Para cada campo de atuação humana, existe uma diversidade de gêneros que são empregados cotidianamente, sejam eles orais ou escritos, simples ou mais elaborados. Quando pensamos na interação que ocorre pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, por exemplo, é possível constatar tanto gêneros informais, como uma conversa entre dois amigos sobre a programação do fim de semana,



quanto gêneros de caráter mais formal, como é o caso de um funcionário se reportando ao chefe numa relação de trabalho.

Convém ressaltar que a concepção bakhtiniana de gêneros se afasta de uma abordagem meramente taxonômica. Sobre este ponto, interessam ao nosso estudo as considerações trazidas por Machado (2021, p. 152), ao explicar que, para Bakhtin, o dialogismo e a interação consistem no ponto central da análise dos gêneros, em detrimento da tradicional classificação das espécies.

São os gêneros que permitem que o diálogo entre os sujeitos ocorra de maneira ordenada no processo interativo. Isso porque, nas palavras do filósofo russo,

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras (...). Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente cada enunciado pela primeira vez, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2016, p. 39).

53

Nessa mesma linha de pensamento, Cavalcante et al. destaca que a não organização dos enunciados em tipos relativamente estáveis levaria a uma forma inédita de comunicação em cada processo interativo, inviabilizando ou dificultando a compreensão (2022, p. 159). É desse modo que a estabilidade dos gêneros se revela.

No entanto, lembramos que tal estabilidade é relativa, de modo que não significa dizer que os gêneros são fixos e imutáveis. Ao contrário, a flexibilidade consiste em uma característica que permite que os gêneros acompanhem as transformações pelas quais a vida humana passa. É nesse sentido que vemos, de um lado, gêneros como o telegrama praticamente desaparecendo da nossa realidade e, do outro, a emergência de novos padrões de enunciados como o tuíte no *Twitter* e o story no *Instagram*.

A poesia visual veiculada nos meios digitais pode ser vista como uma aplicação prática dessa estabilidade relativa a que os gêneros do discurso estão sujeitos. Isso porque o gênero poesia visual já existia antes do surgimento da internet e das mídias

sociais, sendo publicado em suportes impressos. Além disso, cabe pontuar que a publicação de poemas visuais nas redes não extinguiu as produções que se dão nos meios físicos. As duas formas textuais, portanto, coexistem.



Cumpramos observar também que não podemos considerar essa poesia visual que se veicula nas mídias sociais como um gênero nativo digital (GND), corroborando com o que descreve Marie-Anne Paveau (2021) em sua análise do discurso digital. Trata-se de uma reinvenção de um gênero mais antigo e que passa a ser veiculado nos meios digitais. Reiterando esse entendimento, temos Fernandes (2019, p. 35) que explica que a combinação de múltiplas semioses não é um produto das novas tecnologias, uma vez que desde os anos 1950 a poesia concreta já utilizava esses recursos nos suportes impressos. Por outro lado, salientamos que atributos como a estrutura multissemiótica, a interatividade e a responsividade, típicas dos GND são compartilhados entre a poesia visual que se veicula nas redes sociais.

Para caracterizar esse gênero, buscamos nos basear nos conceitos de Dencker (2012, p. 145), para o qual a poesia visual constitui uma relação instável entre a imagem, na esfera da arte visual, e o texto, no campo da literatura, havendo uma conexão de formas artísticas distintas que produzem sentido e provocam a imaginação do leitor. Há, assim, a articulação de múltiplas linguagens, de modo que os elementos verbais e imagéticos se combinam de maneira complementar, tendo importâncias semelhantes para o sentido da produção textual.

No que concerne à produção textual gênero em análise na rede social *Instagram*, são importantes as considerações de Pinto (2022, p. 14-15). Em sua dissertação, a pesquisadora aponta que, além da palavra escrita, o tipo de letra que os escritores que veiculam seus poemas nas redes sociais utilizam também é um fator que contribui para a produção de sentidos. Quanto às imagens, elas devem ser entendidas como uma extensão do poema por escrito.

## **APONTAMENTOS ACERCA DAS PRÁTICAS DE LEITURA NAS REDES DIGITAIS**



No decorrer da História, a humanidade passou por diversas mudanças sociais e, mais recentemente, tecnológicas. Tais transformações podem ser percebidas nas práticas de leitura, que também acompanharam os novos estilos de vida que surgiram. Assim, o leitor que acessa as notícias publicadas nas mídias sociais enquanto espera o atendimento em uma consulta médica, nos dias de hoje, possui características distintas do leitor de um jornal impresso em um banco de praça no final do Século XX.

Em um primeiro momento, consideramos necessário explicar que entendemos a leitura como atividade cognitiva que visa à produção de sentidos. Não se trata, para nós, de uma simples decodificação dos signos, uma vez que essa atividade abrange questões mais complexas, que vão desde os aspectos linguísticos aos extralinguísticos. Nesse sentido, concordamos com Coscarelli (2016, p. 63) que caracteriza a leitura como um “processo que envolve habilidades, estratégias, e que deve levar em conta aspectos socioculturais, como a situação de leitura, o objetivo, o leitor, o texto e a autoria”.

55

Tendo em vista que nosso trabalho se pauta o dialogismo bakhtiniano, abordado na seção anterior, adotamos uma concepção de leitura com foco na relação autor-texto-leitor, caracterizada por Koch & Elias. Na perspectiva das autoras,

[...] o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (2011, p. 10-11)

A percepção dessa relação autor-texto-leitor é potencializada quando pensamos nos textos veiculados nas redes sociais. Do ponto de vista do autor, observamos que as redes propiciam um espaço concreto de interação com o leitor, cenário diverso do que constatamos nos suportes impressos, nos quais a distância entre eles é maior. Além disso, cabe destacar que, nos ambientes virtuais, o leitor pode praticar ações como curtir, comentar e compartilhar, assumindo, dessa maneira, um papel ainda mais ativo no processo interativo.



Outro ponto que devemos ressaltar, uma vez que nos propomos, no presente artigo, à discussão de textos que articulam elementos verbais e visuais, diz respeito à necessidade de expandir a concepção de leitura para além das letras e das palavras. Isso porque a compreensão dos sentidos que uma poesia visual pode ter depende não só da leitura de textos escritos, mas também da compreensão dos elementos imagéticos.

Segundo Santaella (2012, p. 9-10), a leitura de imagens é uma atividade que exige do sujeito o desenvolvimento da habilidade de observação dos aspectos e traços constitutivos, bem como de detecção daquilo que consta no interior do texto imagético, a partir de um contexto de referência e de modos específicos de representar a realidade. A autora ressaltava, ainda, que as manifestações escritas e visuais estabelecem entre si muito mais uma relação de complementaridade do que de supremacia de uma sobre a outra.

Além das considerações que contemplam a Semiótica da Imagem, Santaella (2013, p. 284-289) caracterizou os tipos de leitores de acordo com o contexto histórico e as habilidades necessárias para a prática da leitura em cada realidade. Inicialmente, a autora caracterizou o leitor contemplativo, o movente e o imersivo. No entanto, no cenário da cibercultura, que vivenciamos nos dias atuais, a semioticista aponta a emergência de um novo tipo: o leitor ubíquo.

Enquanto o leitor contemplativo é aquele que realiza a leitura de objetos fixos, imóveis e localizáveis, a exemplo de um livro em uma biblioteca, ou de um quadro em uma exposição, o leitor movente é aquele que acompanhou o dinamismo proporcionado pela modernidade e pela Revolução Industrial. A leitura se concretiza, assim, não de maneira estática, mas no ritmo do movimento dos centros urbanos. O leitor imersivo, por seu turno, tem sua emergência atrelada ao surgimento da internet e do ciberespaço, que exigem dele a capacidade de navegação entre hipertextos com o intuito de encontrar a informação de que necessita.

Assim, ao analisarmos os atributos dos tipos de leitores descritos acima, percebemos que houve uma expansão de perfis, por conveniência e por necessidade, que foram das imagens em movimento das metrópoles até as telas de computadores





(OLDONI, 2020, p. 40). É importante pontuar, no entanto, que esses três tipos de leitores não se extinguiram com o passar do tempo. Em outras palavras, não se trata de classificação linear na qual o surgimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do anterior. Como salienta Santaella, “os três tipos de leitores coexistem, complementam-se e se completam” (2013, p. 289).

É da convergência dos perfis do leitor movente e do imersivo, aliada à popularização das redes sociais e dos dispositivos de tecnologias digitais móveis, que surge o leitor ubíquo. Esse tipo de leitor reúne a habilidade de ler e transitar do leitor movente, bem como a capacidade de navegar entre textos do leitor imersivo. Nesse sentido, Santaella explica que:

Portanto o que estou chamando de leitor ubíquo não é outra coisa a não ser uma expansão inclusiva dos perfis cognitivos dos leitores que o precederam e que ele tem por tarefa manter vivos e ativos. Ademais, é um leitor que tem de apreender como o sentido também emerge em contextos coletivos e colaborativos, com a criatividade opera numa cultura aberta, baseada em amostragem, apropriação, transformação e em traduções contínuas. (SANTAELLA, 2013, p. 300-301)

57

Tendo em vista que a vida humana foi transposta para os meios digitais, em especial para as redes sociais, em imagens, sons e palavras, interessa ao leitor ubíquo desenvolver as habilidades necessárias para a leitura desses signos (OLDONI, 2020, p.43). Diante de uma realidade marcada pela fusão do mundo físico com o mundo virtual, tem-se que esse tipo de leitor responde constantemente a diversos estímulos informacionais. Isso significa que a atenção do leitor ubíquo é parcial e contínua. Afinal, a ubiquidade deve ser entendida como a ideia de se fazer presente em qualquer lugar e a qualquer momento.

Diante das considerações tecidas acerca dos tipos de leitores, entendemos que o leitor da poesia visual veiculada nas redes sociais é, antes de tudo, um leitor ubíquo. Isso porque ele tem acesso ao texto em qualquer lugar e a todo tempo. Recordamos aqui que o *Instagram* constitui uma plataforma que é acessada de maneira mais frequente pelos *smartphones* e pelas tecnologias digitais móveis. Tal característica contribui para a ubiquidade na leitura desse gênero.

Além disso, considerando a potencialização do caráter multimodal dos textos publicados nas redes, é preciso

pontuar que se espera do leitor ubíquo o desenvolvimento de novas habilidades. Em outros termos, significa dizer que não basta somente a leitura do código, sendo fundamental a compreensão das múltiplas semioses inerentes ao texto (SOUSA; PEREIRA, 2022, p. 249).



## METODOLOGIA

A fim de alcançar o objetivo proposto, adotamos uma metodologia qualitativa do tipo estudo de caso sobre a poesia visual da escritora Clarice Freire. Explicamos que a pesquisa desenvolvida apresenta um caráter teórico e descritivo, sendo definida por Paiva (2019, p. 65-67) como um estudo naturalístico realizado sobre um caso particular que não se restringe somente à caracterização do fenômeno, mas também busca a compreensão das suas causas e efeitos, recebendo, assim, a denominação de estudo de caso descritivo-explicativo.

Nessa mesma linha, Yin (2015, p. 17-18) entende o estudo de caso como um método de pesquisa, conceituando-o como uma investigação empírica que tem como objeto a análise de um fenômeno contemporâneo em seu contexto de mundo real, de modo que

[...] enfrenta a situação tecnicamente diferenciada em que existirão muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, conta com múltiplas fontes de evidência, com os dados precisando convergir de maneira triangular, e como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento anterior das proposições teóricas para orientar a coleta e a análise de dados. (YIN, 2015, p. 18)

A escolha da poesia visual de Clarice Freire para o nosso estudo de caso se justifica pelo fato de se tratar de uma voz feminina e jovem, que possui um vasto trabalho de produção textual veiculado nas redes digitais. No meio impresso, a escritora possui dois livros publicados: *Pó de Lua* (2014) e *Pó de Lua nas noites em claro* (2016). Ressaltamos que a autora foi finalista do prêmio Jabuti, em 2017, na categoria ilustração pelo seu segundo livro. Notamos, dessa maneira, que o trabalho de Clarice Freire apresenta uma projeção nacional, que tem alcançado pessoas em diversos pontos do país.



Cumpra registrar, ainda, que, além da produção literária como escritora, a jovem pernambucana também contribuiu para a pesquisa científica na área das Ciências da Linguagem. Isso porque, em 2021, ela defendeu a sua Dissertação de Mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco, cujo título foi: “O fenômeno da reelaboração da poesia visual contemporânea brasileira: entre as redes sociais e os livros”. Nesse trabalho, Freire (2021) teve como objeto de estudo uma discussão acerca das peculiaridades do gênero poesia virtual que transita entre as redes sociais e os livros, tendo como *corpus* a produção artística e textual de três autores de poesia visual brasileira contemporânea: Verena Smit, Pedro Gabriel e Zack Magiezi. Todos eles apresentam perfis em redes sociais e publicaram livros a partir do trabalho desenvolvido no espaço digital.

Para selecionar o *corpus* do nosso artigo, buscamos postagens no perfil público @Pó de Lua da escritora no *Instagram*. Cabe salientar que a autora apresenta uma produção textual vasta e diversa, que abrange não somente poemas visuais, mas também outros gêneros discursivos, como o conto, a crônica e a poesia verbal. No entanto, lembramos que temos como objeto de estudo o discurso multissemiótico e, por esse motivo, nos limitamos à escolha de textos que promovam a articulação de elementos verbais e visuais para a construção de sentidos.

Ainda em relação à seleção do *corpus* e, considerando a extensão limitada do artigo científico, optamos pela realização de um recorte metodológico para a escolha das postagens que foram objeto de nossa análise. Ao observarmos os poemas visuais publicados por Clarice, identificamos um conjunto de seis postagens feitas entre os meses de abril e maio de 2020, período no qual o mundo vivia o começo da crise da Pandemia de COVID-19. Esses poemas receberam o nome de *Conversa de janela* e se caracterizam pelo uso de imagens e da escrita verbal, em uma combinação textual que segue uma mesma estrutura.

Assim, diante das considerações acima, adotamos os seguintes critérios de seleção de *corpus*: i) publicações veiculadas exclusivamente pela rede social *Instagram*, no perfil @Pó de Lua; ii) publicações em que as linguagens verbal escrita e visual contribuam para a produção de sentido; iii) publicações que estejam dentro

do conjunto de poemas intitulados *Conversa de janela*, veiculadas entre os meses de abril e maio de 2020; ; iv) publicações em que a referência ao contexto de isolamento provocado pela Pandemia de COVID-19 fosse mais explícita.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante dos critérios de seleção elegidos na nossa metodologia, escolhemos quatro poemas, de um total de seis, que foram postados por Clarice Freire em seu perfil @Pó de Lua, entre os dias 27 de abril de 2020 e 03 de maio de 2020, com o título *Conversa de janela*. Observamos que os textos selecionados apresentam uma estrutura verbal e imagética em comum que passamos a discutir a seguir.

Para iniciar a nossa discussão, devemos retomar a concepção de gêneros do discurso que abordamos na segunda seção do nosso artigo. Isso porque observamos que, nos textos escolhidos, a autora recorre à conversa de janela, nome que dá nome ao conjunto de postagens, como um gênero oral e inerente à comunicação imediata e, a partir dele, elabora um gênero mais complexo, que consiste no poema. Trata-se, assim, da distinção que Bakhtin faz entre gêneros primários, definidos como gêneros do cotidiano e da comunicação espontânea, e gêneros secundários, que se configuram como enunciados mais complexos e organizados (BAKHTIN, 2016, p. 15). A relação que existe entre esses dois padrões relativamente estáveis de enunciados é de interdependência, tal como pontua Faraco (2020, p. 132-133), que, adotando uma perspectiva não dicotômica, defende a existência de uma inter-relação entre os gêneros primários e secundários. Na mesma linha, Machado (2021, p. 160) explica que “[...] os gêneros discursivos sinalizam as possibilidades combinatórias entre as formas da comunicação oral imediata e as formas escritas. Gêneros primários e secundários são, antes de mais nada, misturas”.

Em todos os poemas selecionados, verificamos a existência de duas janelas e duas mulheres que conversam entre si. Para compor a multisssemiose, Clarice Freire se vale das falas das personagens como elementos verbais e escritos no texto. Notamos, ainda, que as mulheres que protagonizam a conversa de janela apresentam



características distintas, que são percebidas tanto pela linguagem verbal quanto pela linguagem visual. Assim, se de um lado, a mulher que aparece na primeira janela, situada à esquerda da imagem, possui um ar mais pessimista sobre a vida, do outro, a da segunda janela, situada à direita, traz uma visão mais positiva, conforme as Figuras 01 e 02 demonstram:

Figura 01: Poema *Conversa de janela*, de 27/04/2020



Fonte: Freire (2020)

Figura 02: Poema *Conversa de janela*, de 29/04/2020



Fonte: Freire (2020)

62

A dicotomia entre pessimismo e otimismo se constata tanto pela expressão visual das personagens, quanto pela mensagem veiculada no texto escrito. A forma com a qual Clarice Freire desenhou o rosto da primeira mulher revela a intencionalidade da autora em mostrar o sentimento de angústia e impaciência da personagem, o que é corroborado pela sua fala “*não dá mais*” na Figura 02. A mulher da segunda janela, por sua vez, apresenta um sorriso em sua face que, aliado às palavras escritas, conferem um ar de leveza e otimismo de uma pessoa que quer viver o tempo presente.

Aqui faz-se necessário tecer considerações acerca do período histórico no qual as postagens intituladas *Conversa de janela* foram feitas. As datas que constam nos *posts* nos remetem ao contexto da Pandemia do vírus COVID-19, que assolou o mundo no ano de 2020. Especificamente, quanto ao Brasil, observamos que os meses de abril e maio daquele ano foram os primeiros momentos em que a sociedade vivenciou o *lockdown*, de modo

que diversas atividades e serviços não essenciais foram suspensos ou passaram a ser realizados de maneira remota,



a partir do uso das tecnologias digitais. Significa dizer, em síntese, que o confinamento dentro das casas e apartamentos foi uma realidade para parcela significativa da população naquela época.

Diante de todo o cenário acima descrito, abrir as janelas para o mundo externo era, portanto, uma forma de olhar para fora e ver o mundo além da quarentena. Assim, tomando ciência do contexto de produção textual, o título que Clarice Freire deu a esse conjunto de poemas adquire um novo significado. Em um período de muita tensão e incertezas, a autora se utiliza da linguagem, com suas múltiplas semioses, para promover reflexões a partir de dois pontos de vista sobre o tempo.

Percebemos que esse texto, e os demais do conjunto de poemas selecionado, dialoga com a definição de poesia visual estabelecida por Dencker e apresentada neste trabalho. Há, portanto, uma relação instável entre as imagens, que consistem em duas mulheres, que conversam cada qual em sua janela, e os textos, que representam as falas das personagens. A combinação do visual com a palavra escrita confere ao texto um caráter intermediário, de modo que, ao ser veiculado no suporte digital, o poema passa a adquirir um sentido único e diferente do que ocorre quando estamos diante de suportes impressos (FREIRE, 2021, p. 45).

Além disso, em relação ao caráter multimodal da poesia visual ora em análise, é possível notar que Clarice Freire aprofunda as múltiplas semioses que podem ser utilizadas para a construção semântica do texto ao adicionar, em um dos seus poemas, elementos concretos, como cor e textura próprias. Passemos, pois, à discussão acerca do terceiro poema visual que selecionamos:

Figura 03: Poema *Conversa de janela* de 03/05/2020



Fonte: Freire (2020)

Um dos aspectos que mais chama a nossa atenção na Figura 03 envolve o uso de pétalas amarelas para a composição visual do poema. Não se trata aqui do simples desenho desses elementos pela autora, mas sim do emprego de um recurso sólido, que é percebido pela sombra e pela textura deixadas pelo uso de pétalas reais. A escolha da autora de trazê-las de maneira concreta para a composição textual atribui a esses elementos um *status* de quase palavra, “com uma força, sentido e importância semelhantes à da palavra escrita para a construção semântica do poema” (FREIRE, 2021, p. 43).

Outro ponto que deve ser ressaltado diz respeito à cor das pétalas. Ao trazer o tom amarelo para o poema visual, Clarice Freire promove um contraste com o cenário preto e branco no qual as personagens constroem o diálogo. Além do mais, cabe pontuar que, uma vez que as folhas são partes integrantes de um ser vivo, o uso de tais elementos ultrapassa os

limites do texto, fazendo oposição ao sentimento de luto vivenciado por muitos no contexto pandêmico.





No texto escrito, notamos que a primeira mulher cita, em sua fala, as folhas amarelas, com um ar melancólico e saudoso da vida do lado de fora da janela. Temos, aqui, mais uma referência ao período de quarentena vivido pela sociedade no momento em que a postagem foi feita. Além do mais, a expressão facial da personagem provoca no leitor o sentimento de angústia e solidão gerados pelo isolamento social do período.

Há de se destacar também que, ao lado da primeira mulher, vemos apenas uma única folha amarela. Na fala da segunda mulher, por seu turno, observamos a existência de quatro pétalas. Essa diferença de quantidade de folhas nos lados de cada janela reforça a dicotomia já discutida entre otimismo e pessimismo. Assim, do lado da mulher da esquerda, que tem um olhar mais negativo, a autora coloca uma única pétala. Já do lado da mulher da direita, que possui uma visão mais esperançosa sobre a vida, Clarice Freire quadruplica o número de pétalas.

Cabe pontuar, ainda, que, na janela do lado direito, uma das pétalas penetra no interior do texto. A autora se utiliza dela para escrever o advérbio “tão”, que intensifica o sentido do adjetivo “belas”, que aparece logo em seguida na frase exclamativa. Vemos, dessa maneira, que a disposição dos elementos escritos e visuais no texto não ocorre de forma aleatória. Há, portanto, uma intencionalidade da escritora em fazer o sentido da palavra escrita ser potencializado pelo uso de um material simples do cotidiano. Também não por acaso o termo “tão” foi escolhido, uma vez que se trata de um advérbio de intensidade.

Como já dito, a segunda mulher revela, pelas suas falas e feições, um olhar mais esperançoso sobre o mundo, apesar do contexto de confinamento. Assim, visualizamos o intuito da autora em deixar mais pétalas do lado direito da postagem. Ora, tendo em vista que as folhas amarelas são elementos com cores, em meio a um cenário preto e branco, e cuja essência nos remete à ideia de vida, fica evidente a intenção da autora Clarice Freire de tornar essas pétalas uma forma de linguagem da personagem.

Ainda, na Figura 03, podemos constatar a presença de marcas de oralidade no texto escrito. Isso acontece porque a autora se utiliza da linguagem verbal e escrita para representar uma situação de fala, marcada pelo uso da interjeição

“Oh!”, vivenciada em uma conversa de janela. Tais características também podem ser percebidas em outro poema visual, que trazemos na figura 04:



Figura 04: Poema *Conversa de janela* de 28/04/2020



Fonte: Freire (2020)

O emprego de marcas expressas da oralidade, tais como “aah!” e “shh!”, na figura 04, e “oh!”, na Figura 03, ajuda a caracterizar o gênero primário *conversa de janela*. No entanto, tendo em vista que estamos diante de palavras escritas, há uma editoração da fala. Notamos que a leitura que se realiza, nesses textos, é uma leitura sinestésica (ALMEIDA; PEREIRA; AMORIM; 2022, p. 90), pois outros sentidos do corpo humano são acionados, a exemplo da audição. Assim, atributos que são típicos do diálogo estabelecido face a face, ou janela a janela, são transpostos para a modalidade escrita, de modo que a reunião das múltiplas semioses permite a construção de sentidos do texto.

A partir de uma análise atenta das Figuras 01 a 04, é possível constatar que, além da composição multissemiótica, existem alguns comentários e curtidas dos leitores. Optamos por manter essas interações

visto que entendemos que constituem práticas típicas dos gêneros veiculados nas redes sociais, sejam eles os nativos



digitais (GND), sejam eles os reinventados nos meios virtuais, como é o caso do nosso objeto de estudo. Além disso, é por meio dessas interações que identificamos a atitude responsiva ativa (CAVALCANTE ET AL, 2022, p. 179) do leitor ubíquo na leitura realizada nas mídias sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados e das discussões realizadas, com base na fundamentação teórica que apresentamos, podemos concluir que o estudo das práticas discursivas que ocorrem nos meios digitais se torna essencial em uma realidade de constantes transformações sociais, culturais e linguísticas. Isso porque os gêneros do discurso são dotados de uma estabilidade relativa, estando, portanto, sujeitos a mudanças que acompanham o contexto histórico em que a sociedade está inserida.

67

Identificamos, na poesia visual de Clarice Freire no *Instagram*, um exemplo de um gênero que se reinventou a partir das novas plataformas de tecnologias. Ao serem veiculados em uma rede social, os poemas têm sua multimodalidade potencializada pelas múltiplas possibilidades semióticas que o meio virtual proporciona para a construção semântica do texto.

A partir do recorte metodológico que realizamos, pudemos concentrar a nossa discussão em quatro poesias visuais elaboradas pela autora no período da pandemia de COVID-19. Nesse sentido, foi possível constatar, a partir da data das postagens, que a escritora se valeu de fatores extralinguísticos, como o contexto pandêmico de isolamento social e o sentimento de angústia e de desesperança vivenciados pelo mundo naquele período, para construir os sentidos dos poemas.

Além do mais, discutimos como a combinação de mais de um tipo de signo linguístico no *corpus* selecionado contribui para a caracterização do caráter multissemiótico das produções textuais. Assim, constatamos que a autora utilizou elementos visuais, como o desenho das janelas e das mulheres que estabeleciam os diálogos, palavras escritas, presentes no título das postagens e nas falas das

personagens, e também recursos sólidos como as pétalas amarelas para integrar a tessitura do texto. A articulação dessas semioses e a publicação nos meios digitais conferem aos poemas um sentido único e distinto daquele que se constrói em textos escritos e veiculados em suportes impressos.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA; Sandy Tavares de; PEREIRA, Márcia Helena de; AMORIM, Marina Martins Pinchemel. Dialogia da linguagem em Post de Facebook: pressupostos bakhtinianos em gênero discursivo digital. *Revista Philologus*, Ano 28, n. 82, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./mai. 2022, p. 86-100.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunicação. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5ª ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021, p. 61-78.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães, et al. *Linguística textual: conceitos e aplicações*. 1ª ed. Campinas: Pontes editores, 2022.

COSCARELLI, Carla Viana. *Tecnologias para aprender*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DENCKER, Klaus Peter. *Da poesia concreta à poesia visual: um olhar para o futuro dos meios eletrônicos*. In: VIEIRA, André Soares; DINIZ, Thais Flores Nogueira (Org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. v. 2. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.p. 131-153.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020.



FERNANDES, Caroline Bertini. *A poesia visual de Clarice Freire e o leitor no Instagram: Estudo de caso sobre a intermedialidade da poesia publicada na internet*. 2019. 160 f. Mestrado (Estudo de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2019.

FREIRE, Clarice de Souza. *O fenômeno da reelaboração da poesia visual contemporânea brasileira: entre as redes sociais e os livros*. 2021. 119 f Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2021.

FREIRE, Clarice de Souza. *Pó de Lua*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

FREIRE, Clarice de Souza. *Pó de Lua nas noites em claro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

FREIRE, Clarice de Souza. *Podeluaoficial.instagram*. Disponível em: <<https://www.instagram.com/podeluaoficial/>>. Acesso em: 06 de junho de 2023.

69

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3ª ed. 5ª impressão. São Paulo: Contexto, 2011.

MACHADO, Irene. *Gêneros Discursivos*. In. BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5ª ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021, p. 151-166.

OLDONI, Cristiano. *Práticas discursivas intersemióticas: dos tópicos semantizadores à construção de sentidos em textos multimodais de gêneros digitais*. 2020. 150 f Tese (Doutorado) - Universidade de Passo Fundo. Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutorado em Letras. 2020

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes, 2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PINTO, Maria do Sameiro Oliveira. *A literatura contemporânea no Instagram: a escrita feminina na instapoesia de Rupi Kaur*. 2022. Dissertação de Mestrado – Universidade do Minho. Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas. Mestrado em Tradução e Comunicação Multilíngue. 2022.



SANTAELLA, Lucia. *Leitura de Imagens*. 1ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na Educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2021.

SOUSA, Francisco Diego; PEREIRA, Crígina Cibelle. Proposta de leitura do gênero discursivo meme com enfoque nos multiletramentos. *Instrumento: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação*, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, jan./abr. 2022, p. 247-261.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e método*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

70

**Recebido em 13 de junho de 2023.**

**Aprovado em 28 de agosto de 2023.**